

Lembranças de Escolas

Maria de Fátima R. V. Machado

Patricia Gonçalves Bastos

MEMÓRIAS DAS INFÂNCIAS SERRANAS: narrativas de duas professoras-pesquisadoras sobre as crianças que foram e suas relações com a escola e a estética do frio

Os tempos pandêmicos têm produzido muitas inquietações, inseguranças, medos daquilo que apresenta uma ameaça para a sobrevivência humana: um vírus microscópico que vem impactando imensamente as vidas e culturas em todo o mundo.

As escolas tiveram os seus cotidianos presenciais suspensos, como medidas de enfrentamento sanitário ao caos produzido pela COVID-19. Diante disso, a escola parece esvaziada de sentidos e significados, afinal, qual é o sentido de uma escola com os portões fechados, com os corredores calados? Qual o significado do refeitório esvaziado das presenças infantis e dos cheiros deliciosos vindos da cozinha? Onde e como estão as crianças? Estas e tantas outras questões são as que muitas professoras das crianças das classes populares vêm produzindo.

As memórias sobre as escolas e as infâncias das crianças das classes populares antes da pandemia provocam nas professoras-pesquisadoras (GARCIA & ALVES, 2002), também das classes populares, o desejo de memoriar. Memoriar, no sentido de trazer para o tempo presente das docentes as lembranças dos seus tempos discentes infantis vividos nas cidades de Petrópolis e Teresópolis, na região serrana do estado do Rio de Janeiro.

As infâncias serranas são muitas, contudo, as memórias aqui narradas fazem parte das infâncias de duas meninas oriundas das classes populares, que sabem bem o que significa um dia cinza e gelado de inverno, tomado pelo “russo” – apelido popular dado ao nevoeiro – que entra em todo lugar, inclusive nas casas.

Imagem 1



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

Quem morou nas montanhas ou em cidades altas em algum momento de sua infância, talvez se lembre das manhãs, quando precisava ir à escola. Conversar era uma experiência única, pois era engraçado falar qualquer coisa para sair a “fumaça” das nossas bocas:

era o contato do ar quente com o ar frio, que virava brincadeira durante a caminhada até a escola.

Para as meninas pretas, de pernas longas e finas, não dispor de meias compridas e ter que vestir aquela saia pregueada, era um horror! Nesse sentido, os meninos estavam mais protegidos do frio, porque podiam usar suas calças compridas e mais quentes. Ao longo do tempo, muitas meninas pretas tiveram que vestir calças compridas mais cedo e saírem da escola, pois o mercado de trabalho as recrutava. A docilidade dos corpos tentando definir o gênero até nas sensações térmicas, começava cedo para algumas meninas.

Todas nós temos nossas memórias infantis, a partir do que foi possível viver. Podemos dizer que vivemos algumas infâncias, para além da faixa etária dos primeiros anos de vida, atravessadas por questões de classes sociais, raça e gênero, que se misturavam a todas as estações do ano, mas aqui, o exercício de memoriar destaca apenas o inverno e a constituição da estética do frio.

Lembrar-se do frio e das singularidades vividas com ele é um convite a relacionar-se com o tempo, e a aprender com as infâncias que a brincadeira é um ato político e de resistência frente às opressões sociais, que disputam com as crianças o valor da vida.

Quais memórias terão as crianças pequenas que vivem nas cidades serranas, durante a pandemia? As janelas fechadas para proteger-se do frio e da entrada do "russo" dentro da casa já não é uma possibilidade, visto que o coronavírus nos obriga a mantê-las abertas para melhor ventilação dos ambientes. Também já não é uma possibilidade, as crianças se encontrarem para brincar de fazer fumaça de névoa com a boca ou qualquer outra brincadeira, que tenha como demanda a presença e o encontro.

Imagem 2



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

Como o exercício de memoriar significa trazer à tona os impactos e marcas das experiências vividas no passado, só saberemos o que as crianças serranas de hoje lembrarão do inverno e do frio pandêmico em um outro tempo que – tomara – já não exista a pandemia da COVID-19.

Referências:

GARCIA, Regina Leite; ALVES, Nilda. Conversas sobre pesquisa. In: ESTEBAN, Maria Teresa; ZACCUR, Edwiges. Professora-pesquisadora: uma práxis em construção. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 97-117.

Sobre as autoras:

Maria de Fátima Rodrigues Viana Machado: Mestranda no PPGEdu da Faculdade de Formação de Professores da UERJ, integrante do GIFORDIC e professora de Educação Infantil

concurada da Secretaria Municipal de Educação de Teresópolis/RJ.

Patricia Gonçalves Bastos: Mestranda no PPGEdu da Faculdade de Formação de Professores da UERJ, integrante do GIFORDIC e professora concursada da Fundação Municipal de Educação de Niterói/RJ.